

TERÇA-FEIRA, 14 DE OUTUBRO DE 1975 - ESP

Krenhacarores mudam pela 3.ª vez em um ano

ELIANA LUCENA
Da Sucursal de
BRASILIA

Dentro de dez dias, os 74 índios krenhacarore que estão vivendo no Parque Nacional do Xingu sofrerão sua terceira transferência no espaço de um ano. Dessa vez, eles serão instalados numa aldeia suia, próxima do posto indígena do Diauarum, onde ficarão longe da influência da rodovia BR-80 e dos índios txucarramãe, com quem estão vivendo há alguns meses.

O novo diretor do parque, Olímpio Serra, acha imprescindível a transferência dos índios a curto prazo, não só pelo fato de eles já estarem frequentando a rodovia BR-80, mas principalmente porque os txucarramãe estão absorvendo inteiramente o grupo, praticando, como diz o antropólogo, um etnocídio indígena.

Os planos

Olímpio Serra anunciou um amplo programa de trabalho, que será aplicado no Parque, envolvendo medidas ligadas à proteção da terra e à preparação do índio para o impacto inevitável com as frentes pioneiras que estão ocupando o vale xinguano. O substituto dos irmãos Villas Boas não pretende modificar a política adotada nos últimos 30 anos pelos sertanistas, baseada fundamentalmente nos seguintes pontos: o impedimento de qualquer engajamento compulsório do índio nas atividades econômicas tradicionais, respeito à autonomia dos grupos e preocupação constante com sua saúde e a garantia da terra "sem a qual nenhuma etnia sobrevive".

"A partir de 1970 — explicou o antropólogo — houve realmente uma mudança muito acentuada na situação do parque, que até aquela época era um lugar natural de refúgio de grupos indígenas em estágio bastante primitivo. Isso vai implicar a revisão dos métodos adotados até agora, mas a filosofia básica da experiência xinguana será mantida: o respeito total pela autodeterminação dos grupos indígenas".

Antropólogo formado pela Universidade de Brasília, há seis anos trabalhando na Funai, Olímpio Serra está planejando aplicar no Xingu um trabalho bastante revolucionário de preparação do índio para o convívio com a sociedade envolvente. "Pretendemos desenvolver um curso sobre a sociologia no contato para atender especialmente os grupos de índios mais inquietos, que já sentem um certo fascínio pelo mundo civilizado. Num trabalho sistemático, envolvendo palestras, apresentação de filmes e documentários e, quem sabe, até um estágio na cidade grande".

Olímpio diz que "o índio xinguano, em geral, tem uma visão muito alienada da sociedade brasileira, pois só teve oportunidade de conviver com pesquisadores, funcionários da agência de proteção ao índio, enfim, elementos da classe média. Esta visão distorcida pode ser sentida em um kamaiurá que, conversando comigo, espantou-se ao saber que o carafá morria de fome na cidade".

O novo diretor do Parque não tem planos, a curto prazo,

de implantar no Xingu qualquer tipo de atividade econômica mais sistematizada, afirmando que isso "só deverá acontecer quando o próprio índio sentir interesse em comercializar seus produtos, ampliando o primitivo sistema de trocas que ainda subsiste".

"Os grupos indígenas que estão sofrendo mais, ou passando por situações vexatorias — afirma Olímpio — são exatamente aqueles que foram engajados compulsoriamente no sistema de produção e não queremos que essa experiência desastrosa seja repetida no parque. O Xingu continuará sendo uma espécie de tribuna livre da política indigenista brasileira".

Mais incisivo, afirma o antropólogo: "Este enquadramento do índio no nosso sistema econômico não tem nenhum apoio institucional, pois a lei garante o usufruto exclusivo para o índio dos bens produzidos em seu território. No entanto, ocorre que o lucro obtido com os projetos econômicos em áreas indígenas é absorvido pela renda indígena, que abre a possibilidade de a Funai manipular esses recursos para sustentar um exército de burocratas".

POSIÇÃO

Olímpio Serra acha que está assumindo a direção do Parque do Xingu numa época difícil, se considerado o fato de a área estar ameaçada pela crescente ocupação da região, mas ressalta que a experiência xinguana tem sido melhor compreendida pela atual direção da Funai.

"Orlando e Claudio viveram épocas difíceis, quando o parque chegou a ser totalmente marginalizado pelo órgão oficial de proteção ao índio. A experiência xinguana era criticada por manter os índios isolados, como num jardim zoológico, para o deleite de fotógrafos e antropólogos. Hoje, contamos com o apoio oficial e o reconhecimento de que as bases do nosso trabalho estão calcadas no próprio Estatuto do Índio, que acentua a necessidade de respeito pela cultura indígena".

O novo diretor do parque não vai morar no Xingu e explica a sua posição: "Acho que um dos pontos-chaves que contribuiu para o sucesso da experiência do Villas Boas foi exatamente a extrema capacidade de mobilização de Orlando. Ao mesmo tempo que desenvolvia um trabalho dentro do parque, não perdia a oportunidade de manter contatos com os órgãos da administração. Pretendo estar sempre que possível no Xingu, convivendo com os índios nas aldeias, para sentir melhor seus problemas. Em Brasília, trabalharei junto à Funai, não só pelo Xingu, mas em outro trabalho que estamos desenvolvendo junto aos kaingang, do Sul do País. Estes índios vivem atualmente os reflexos de um contato desastroso com o mundo civilizado, uma situação extrema que espero nunca seja vivida pelos índios xinguanos. Sou otimista e, mesmo para esses grupos integrados como marginais em nossa sociedade, creio na sua possibilidade de recuperação, aplicando-se os princípios básicos de uma política voltada para o respeito a essas culturas".